



Artigo
Article

**As ciências sociais e questão da identidade: apontamentos
primários**

Social sciences and the issue of identity: primary notes

Lázaro Fabrício de França Souza¹
Shemilla Rossana de Oliveira Paiva²

RESUMO: É indubitável o fato de o tema “identidade” ser, já há algum tempo, um dos mais debatidos e repassados no que tange às Humanidades, com ênfase para as Ciências da Sociologia e da Antropologia, dadas as grandes montas de estudos nesse sentido. Sendo, ademais, de interesse para toda uma leva de pesquisadores, perpassa grande parte dos estudos no âmbito das Ciências Sociais. Daí, parte de sua relevância e justificativa quanto ao debruçamento sobre o tema, mormente no contexto da modernidade tardia. A despeito dos esforços depreendidos e das pesquisas realizadas, a pauta não teve sua discussão esgotada, pelo contrário, ainda é possível explorá-la através de muitos prismas e perspectivas. Pretendemos esboçar alguns elementos teóricos e estágios concernentes à discussão em pauta, apresentando alguns autores que a exercitam, principalmente levando a cabo os estudos culturais, a Antropologia e a Sociologia. Dado o caráter do trabalho em voga, nosso intuito precípua foi jogar alguma luz sobre a discussão relacionada às identidades e a questão da diferença, incluindo as formas simbólicas e de significação estabelecidas no limiar dos contextos sociais e das interações. **Palavras-chave:** Identidades; Ciências Sociais; Contemporaneidade.

¹ Professor da Universidade Federal Rural do Semiárido - UFERSA. Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Mestre em Ciências Sociais e Humanas e Sociólogo (Bacharel em Ciências Sociais) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. É coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Humanidades e Saúde do Semiárido. Está chefe do Departamento de Ciências da Saúde - DCS/CCBS/UFERSA. E-mail: lazaro.souza@ufersa.edu.br

² Doutoranda em Letras (Discurso, Memória e Identidade) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Mestra em Ciências Sociais e Humanas e Comunicóloga com habilitação em Publicidade e Propaganda pela mesma Instituição. E-mail: shemillarossana@gmail.com

ABSTRACT: The theme of "identity" is, for some time, one of the most debated and passed with regard to the humanities, with emphasis on the Sociology and Anthropology Sciences, given the large number of studies in this direction. From this you can see part of the relevance and justification as to debruçamento on the subject, especially in the context of late modernity. Despite the efforts and research conducted, the agenda had not exhausted their discussion, however, you can still explore it through many prisms and perspectives. We intend to outline some theoretical elements and stages related to the discussion at hand, with some authors that exercise. Given the character of the work in vogue, our main objective was to shed some light on the discussion related to the identities and the question of difference, including the symbolic meaning and forms established on the threshold of social contexts and interactions. **Keywords:** Identities; Social Sciences; Contemporaneity.

INTRODUÇÃO

Segundo o jamaicano Stuart Hall (2006), um dos principais nomes dos “estudos culturais”, a questão da “identidade” tem enfrentado extensa discussão na teoria social. Roberto Cardoso de Oliveira (2000, p. 07), antropólogo brasileiro, segue em perspectiva análoga afirmando que “o interesse sobre o tema da identidade tem tido ultimamente, entre nós, estudiosos de ciências sociais, uma frequência extraordinária!”. Com efeito, o argumento para tal profusão é o seguinte: “As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.” (Hall, 2006, p. 07). Para Hall, as identidades modernas encontram-se em processo de fragmentação, onde indivíduos são descentrados de si mesmos, mas também de seu lugar no mundo social e cultural. Há um deslocamento dos “sujeitos”, uma perda do “sentido de si” estável³. Essa configuração constitui uma “crise de identidade”, segundo o autor jamaicano, dando conta de sublinhar que essa é a linha de raciocínio dos teóricos que acreditam estarem em colapso as identidades modernas diante da modernidade tardia. Sob a pena de Hall (1990, p. 43 *apud* Kobena Mercer, 2006, p. 09), *verbi gratia*, a identidade se transmuda em querela somente em vias de crise, quando algo tido como fixo, estável, coerente, é deslocado pela experiência da incerteza e da dúvida. O colapso da identidade exsurge como “resultado das mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se provisório, variável e problemático.” (Hall, 2006, p.12).

³ O mesmo Stuart Hall mostra as limitações dessa perspectiva que, para ele, malgrado parecer uma formulação simplista, possibilita esboçar um quadro coerente e aproximado pertinente às conceptualizações e mudanças do sujeito moderno e sua ligação com a formulação das identidades. Para mais cf.: HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IDENTIDADE, GLOBALIZAÇÃO, SOCIABILIDADE E SUJEITO - ALGUNS APONTAMENTOS E REFLEXÕES

A globalização, enquanto fenômeno mundial, também é fator impactante sobre as identidades culturais, que são influenciadas, outrossim, pela existência de processos globais que transcendem as classes sociais, grupos e nações, como aponta Renato Ortiz (1994), ao falar da emergência de uma “sociedade global”, da “mundialização da cultura”. Na concepção do sociólogo português Boaventura de Souza Santos (2002), o mundo está diante de um fenômeno multifacetado, interligando de modo complexo dimensões econômicas, sociais, culturais, políticas, religiosas e jurídicas, o que tornaria as explicações “monocausais” e “monolíticas” insuficientes para dar cabo da questão. O autor acrescenta que a globalização das últimas três décadas parece combinar “a universalização e a eliminação das fronteiras nacionais, por um lado, o particularismo, a diversidade local, a identidade étnica e o regresso ao comunitarismo, por outro” (SANTOS, 2002, p. 26). Ademais, a globalização interage com transformações outras no sistema mundial que lhe são simultâneas, como o drástico aumento da desigualdade entre países ricos e países pobres, as catástrofes ambientais e os conflitos étnicos, a sobrepopulação, a acentuada migração internacional, a falência ou implosão de determinados Estados e o emergir de outros. A proliferação de guerras civis, o crime organizado, bem como a democracia formal como condição política para eventual assistência internacional também entram nesse bojo.

Consonante o sociólogo e intelectual humanista português (2002), o processo de globalização, além de complexo, atravessa as mais diversas áreas da vida social, da globalização dos sistemas financeiros e produtivos à revolução nas tecnologias e práticas de informação e comunicação. Perpassa também pela erosão do Estado nacional e da redescoberta da sociedade civil ao aumento substancial das desigualdades sociais. **O processo de globalização está relacionado igualmente às novas práticas culturais e identitárias e dos estilos de consumo globalizado.**⁴ Não é possível sair incólume do processo de globalização, que perpassa todas as esferas e âmbitos nos níveis social, econômico, político e cultural. Mas, se o global envolve “tudo”, as especificidades

⁴ Grifo nosso.

encontrar-se-iam perdidas em termos de totalidade, aponta Renato Ortiz (1994), para depois esclarecer que ocorre justamente o inverso, quer seja, a mundialização da cultura se revela através das práticas cotidianas, utilizando-se amiúde de elementos locais dentro de uma perspectiva e narrativa globais. É o local influenciando o global e global interferindo no local, numa relação dialética, articulada e interdependente, metamorfoseando as identidades ou reiterando-as, na medida em que oferece mais padrões de ser e sentir.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (Hall, 2006, p. 13).

Ainda conforme assinala Stuart Hall (2006, pp. 21-22), a identidade muda de acordo com o modo como o sujeito é representado ou interpelado. A identificação, portanto, não é automática, podendo ser ganha ou perdida, dentro do “jogo de identidades” e suas consequências políticas, constituindo-se enquanto mudança de uma política de identidade para uma política da *diferença*. Hall ainda explana que a ideia de identidade está atrelada às conceptualizações acerca do sujeito moderno e suas mudanças históricas.

Kathryn Woodward (2008, p. 08) expõe que as identidades adquirem sentido através “da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas”, ao passo em que, como atesta Velho (1999, p. 119), a cultura é uma expressão simbólica. Ainda em consonância com o pensamento de Woodward, a construção da identidade, além de simbólica é também social. Ademais, seu caráter é eminentemente relacional, uma vez que, em grande parte dos casos, demanda, para existir, de algo fora dela, a saber, de outra identidade. “A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma *marcação simbólica* relativamente a outras identidades”. (Woodward, 2008, p. 09). Outra forma pela qual as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos (*op. cit.*, p. 11). Contudo, mesmo dentro de um grupo, sociedade, tribo ou congêneres, as identidades podem não ser unificadas. Contradições podem surgir no seu interior tendo que ser negociadas. Seguindo o ponto de vista da autora Woodward, pode-se dizer que a identidade se distingue por aquilo que ela não é, o que nos remete a outro ponto capital que é o fato de as identidades serem marcadas pela

“diferença”. Para Judith Butler (2003), a identidade não é algo, mas sim efeito que se manifesta num jogo de referências, em meio a um regime de diferenças. Segundo Michel Agier (2001), levando a cabo a abordagem contextual, não existe definição de identidade em si mesma. Os processos identitários não existem fora de contexto, são sempre relativos a algo específico que está em jogo. A identidade remete, portanto, a um alhures, a um antes e aos outros. Expressa o antropólogo francês (2001, p. 10) que:

O processo identitário, enquanto dependente da relação com os outros (sob a forma de encontros, conflitos, alianças etc.), é o que torna problemática a cultura e, no final das contas, a transforma. O mesmo ocorre com relação à mudança em um mesmo contexto local. Em uma situação de mudança social acelerada, como a que se vive em todas as partes do mundo ao longo das últimas décadas, os estatutos sociais se recompõem e os indivíduos devem redefinir rapidamente sua posição, em uma ou duas gerações.

Mostra Agier que é nesse momento que a questão identitária torna-se um problema de ajuste, concomitantemente social na sua definição e individual em sua experiência. “A relação do indivíduo consigo próprio ao mesmo tempo que com sua cultura e sua linhagem se torna então problemática” (*op. cit.*)

Não há mais a presença de identidades totalmente coerentes e integrais, como já expunha Hall (2006, p. 84).

Em toda parte, estão emergindo identidades que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são produtos desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado. (*Ibid.*, p. 88).

De todo modo, há toda uma esfera simbólica e que se dá no âmbito dos signos e que assegura uma certa “unidade” em termos de uma identidade, seja ela tangente ao próprio sujeito, quer seja em seu viés grupal.

No âmbito da música, mais especificamente do estilo *heavy metal*, a título de exemplificação, *headbangers*⁵, enquanto grupo, têm parte de suas identidades denotadas desde as vestimentas até o compartilhamento do êxtase coletivo dos shows, das relações de sociabilidade, das paixões por bandas e músicos e de uma certa perspectiva de mundo

⁵ Termo usado para designar um fã do estilo musical *heavy metal*, ou ainda qualquer uma de suas variantes, cuja tradução pode ser entendida como “batedor de cabeça”. Uma alusão ao modo como os *headbangers* costumam manifestar sua performance corporal.

e de relacionamento com a música, a arte e com a constituição da subjetividade, por meio de uma ética da *resistência*.⁶ A associação entre os *headbangers*, ainda à guisa de ilustração, parece se aproximar, em grande medida, ao modelo de interação e sociabilidade concebido por Simmel. Georg Simmel, sociólogo francês de grande expressão, elaborou um conceito de sociabilidade enquanto “tipo ideal”, um “social puro”, segundo Frúgoli Jr. (2007). A saber, um conceito de sociabilidade entendido como “uma forma lúdica arquetípica de toda a socialização humana, sem quaisquer propósitos, interesses ou objetivos que a interação em si mesma, vivida em espécies de jogos, nos quais uma das regras implícitas seria atuar como se todos fossem iguais”. (Frúgoli Jr., 2007, p. 09). Tal modo de associação se mostra de forma mais evidente entre os *headbangers* nos shows e eventos destinados ao metal. As formas de associações entre os indivíduos costumam levar em consideração elementos identificadores e de distinção, estabelecendo parâmetros e nortes e guiando socialidades.

Enquanto grupo, ou tribo, esses indivíduos parecem compor o que Maffesoli, sociólogo francês, denominou *neotribalismo*. Maffesoli enxerga o individualismo sendo substituído pela necessidade de identificação com um grupo, com uma tribo. Não se trata, no entanto, de uma nova cultura, afirma o sociólogo, mas de sua metamorfose como aspecto decisivo e factual. Desse modo, na perspectiva maffesoliana (2006) “podemos dizer que a partir da concepção que determinada época faz da alteridade é que se pode determinar a forma essencial de uma dada sociedade”. Destarte, Maffesoli comunica que ao lado da existência de uma sensação coletiva, assistimos ao desenvolvimento de uma “lógica de rede”. Ou seja, “os processos de atração e repulsão se farão por escolha”. Assevera ainda Maffesoli que assistimos um processo que ele denomina de “socialidade eletiva”, percebendo que, embora este mecanismo sempre tenha existido, no que diz respeito à modernidade, ele foi temperado pela restrição do político que faz intervir o compromisso e a finalidade, ultrapassando de muito os interesses particulares e o localismo.

Todavia, adverte-nos Hall (1997 *apud* Woodward, 2008, p. 30), que em todos os nossos encontros e interações, não é difícil perceber que somos posicionados diferentemente, em diferentes lugares e momentos, vistas aos diferentes papéis sociais

⁶ Numa acepção foucaultiana.

que estamos exercendo. Contextos sociais distintos fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais. Complementa Kathryn Woodward (2008, p. 30):

Em todas essas situações, podemos nos sentir, literalmente, como sendo a mesma pessoa, mas nós somos, na verdade, diferentemente posicionados pelas diferentes expectativas e restrições sociais envolvidas em cada uma dessas diferentes situações, representando-nos, diante dos outros, de forma diferente em cada um desses contextos. Em um certo sentido, somos posicionados – e também posicionamos a nós mesmos – de acordo com os “campos sociais” nos quais estamos atuando.

Há sempre uma delimitação “posicional”, pois, como nos mostra Woodward e Hall, a complexidade da vida moderna demanda esse tipo de postura, que é assumir identidades diferentes. Entretanto, essas identidades podem se chocar, estabelecendo um conflito. Isso decorre da interferência de uma identidade em relação à outra e das expectativas geradas em torno das identidades exercidas. Um profícuo exemplo pode ser visto tal qual segue:

Para ser “bom pai” ou uma “boa mãe”, devemos estar disponíveis para nossos filhos, satisfazendo suas necessidades, mas nosso empregador pode exigir nosso total comprometimento. A necessidade de ir a uma reunião de pais na escola do filho ou da filha pode entrar em conflito com a exigência de nosso empregador para que trabalhe até tarde. (Woodward, 2008, p. 32).

Como supramencionado, alguns conflitos exsurtem a partir das tensões que envolvem as normas sociais e as expectativas geradas quanto ao exercício ou uso das identidades. Identidades diferentes (mãe e lésbica, por exemplo) e que rompam com as expectativas engendradas serão construídas como “desviantes”, estranhas.

IDENTIDADE E REFLEXIVIDADE

O sociólogo britânico Anthony Giddens (2003), nos traz a perspectiva na qual o sujeito moderno é um ser “reflexivo” em suas práticas. Sob seu prisma, é a cognoscitividade dos agentes humanos, em sua forma especificamente reflexiva, que está envolvida de maneira mais acentuada e profunda na ordenação recursiva das práticas sociais e, por conseguinte, das identidades. Ainda segundo ele (2003, p. 03), “A continuidade de práticas presume reflexividade, mas esta, por sua vez, só é possível devido à continuidade de práticas que as tornam nitidamente “as mesmas” através do

espaço e do tempo”. Para esse autor cada indivíduo, no atual estágio da modernidade, desenvolve um “projeto reflexivo do eu”, que passa a ser uma demanda da própria sociedade, que a enseja por um lado e a exige por outro. Essa “reflexividade” deve ser entendida não tão somente como “autoconsciência”, mas sobretudo como “o caráter monitorado do fluxo contínuo da vida social”, onde “ser um ser humano é ser um agente intencional, que tem razões para suas atividades e também está apto, se solicitado, a elaborar discursivamente essas razões (inclusive mentindo a respeito delas)” (Giddens, 2003, p. 03). Giddens, todavia, ressalta a necessidade de cautela em se tratando de termos tais como “propósito” ou “intenção”, “razão”, “motivo” e análogos, na medida em que os seus usos na literatura filosófica têm sido, amiúde, relacionados a um “voluntarismo hermenêutico”, e porquanto retiram a ação humana de sua contextualidade de espaço-tempo. Esse “projeto reflexivo do eu” pode ser compreendido como uma postura mais autônoma e refletida dos sujeitos diante das estruturas. Para Giddens (2003, p. XXXV), considera-se estrutura “o conjunto de regras e recursos implicados, de modo recursivo, na reprodução social; [...]”. A ação humana, para ele, ocorre como uma *durée*, um fluxo contínuo de conduta, análogo ao da cognição. A ação intencional não se compõe a partir de um agregado ou série de intenções, razões e motivos isolados. Portanto, é útil, segundo ele, falar de reflexividade como algo alicerçado na monitoração contínua da ação que os seres humanos manifestam, esperando o mesmo dos seus pares. Destaca ainda Giddens que o planejamento de vida refletido e organizado passa a ser uma característica cerne na estruturação da auto-identidade.

Quanto mais a tradição perde seu domínio, e quanto mais a vida diária é reconstituída em termos do jogo dialético entre o local e o global, tanto mais os indivíduos são forçados a escolher um estilo de vida a partir de uma diversidade de opções. Certamente existem também influências padronizadoras — particularmente na forma da criação da mercadoria, pois a produção e a distribuição capitalistas são componentes centrais das instituições da modernidade. No entanto, por causa da “abertura” da vida social de hoje, com a pluralização dos contextos de ação e a diversidade de “autoridades”, a escolha de estilo de vida é cada vez mais importante na constituição da auto-identidade e da atividade diária. O planejamento de vida reflexivamente organizado, que normalmente pressupõe a consideração de riscos filtrados pelo contato com o conhecimento especializado, torna-se uma característica central da estruturação da auto-identidade (GIDDENS, 2002, p. 13).

MODERNIDADE LÍQUIDA E CONSUMO: A QUESTÃO DA IDENTIDADE

Para Zygmunt Bauman (2001), prolífico sociólogo polonês, um dos problemas que circundam a questão da identidade na sociedade “líquido-moderna” diz respeito à grande oferta de padrões existentes. Para o autor, líquido-moderna é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em rotinas e hábitos, das formas de agir e ser. A liquidez da vida e da sociedade se alimentam e se revigoram de forma recíproca. A vida líquida, tal qual a sociedade líquido-moderna, não é capaz de manter a forma ou permanecer em seu curso por um longo tempo. Um ritmo frenético instaurou-se no mundo e impulsionadas sobremaneira pela revolução digital e da informática e as mudanças sucedem-se de maneira cada vez mais célere. Sendo assim, evita-se incorporar definitivamente uma única identidade, preferindo-se trocá-la, como alguns animais trocam de pele, sempre que considerar necessário e oportuno. Os indivíduos de identidade líquida, fluida, são imediatistas, vivem intensamente o presente, para sobreviver (tanto quanto possível) e para obter o máximo de satisfação possível, assevera ele. Fixar-se ao solo, num único lugar, também não é visto com bons olhos, já que o solo pode ser alcançado e abandonado a bel-prazer, quando e assim se queira. A identidade é reciclável e o *Just do it*⁷, o ser original, é pressuposto indispensável na sociedade líquido-moderna. Colin Campbell (2004), por sua vez, postula que no contexto em riste os indivíduos se definem em termos de seus gostos e consumo porquanto sentem que é isso o que de forma mais clara sintetiza quem são, estando a real identidade nas preferências. Porém, o verdadeiro local onde reside a identidade é nas reações aos produtos, e não nos produtos em si, na medida em que a identidade é descoberta e não comprada. Desse modo, o consumo, para ele, não gera a tão propalada crise das identidades, e ao contrário, poderia inclusive ajudar a resolver tal dilema. Ainda diante do fenômeno do consumo, segundo o autor Karl Mannheim (apud Brasilmar Nunes, 2007), haveria uma espécie de comunhão mental entre os jovens, sociologicamente realidades tangíveis, que se aproximam e partilham referências, contribuindo para a formação de um grupo. A participação no grupo tem seu efeito socializante, onde ao lado dos dados mentais, emergem como elementos

⁷ “Faça você mesmo”, em tradução livre.

constitutivos a linguagem apropriada ao grupo, a vestimenta com suas características de moda (a marca do tênis, da camiseta, ou o corte de cabelo) e a própria gestualidade corporal, são fatores que vão moldando os indivíduos “que, por esses signos, são reconhecidos e se reconhecem. O consumo aparece como instrumento que vincula socialmente os indivíduos, dando-lhes um conjunto de características que os distinguem e os individualizam.” (Nunes, 2007). Esse conjunto integrado, constituído principalmente de elementos visuais distingue de maneira imediatamente identificável determinado indivíduo e, em alguns casos, até determinados grupos, funcionando inclusive como peça de identificação.

Julgamos pertinente, nesse ponto, estabelecer certa diferenciação entre identidade e subjetividade, conceitos reiteradas vezes utilizados como sinônimos, todavia apresentam particularidades, embora estejam ligados, intercalados. Tomaz Tadeu Silva, nos faz essa distinção:

Os termos “identidade” e “subjetividade” são, às vezes, utilizados de forma intercambiável. Existe, na verdade, uma considerável sobreposição entre os dois. “Subjetividade” sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu. [...] Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade. (SILVA, 2008, p. 55).

As identidades, infere Hall (2008), são dois pontos de apego temporário às posições-de-sujeito construídos para nós pelas práticas discursivas.

Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares, e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. (HALL, 2008, p. 112).

IDENTIDADE E DIFERENÇA ENQUANTO FORJA SOCIOCULTURAL E PRODUTO DA LINGUÍSTICA: CONCEPÇÕES E PROBLEMAS

Tomaz Tadeu, por sua vez, nos traz elementos interessantes e relevantes para pensarmos as conceptualizações acerca das identidades e sua relação com a “diferença”. Segundo ele (2008, p. 74), em um primeiro momento parece fácil definir identidade e diferença a partir do critério da auto-referenciação: aquilo que se é, em relação à primeira,

e aquilo que não é, no que concerne à segunda. Em essência, identidade e diferença mantêm uma estreita relação de dependência. Essa relação tende a ser eclipsada devido expressarmos a identidade de maneira afirmativa.

Quando digo “sou brasileiro parece que estou fazendo referência a uma identidade que se esgota em si mesma. “Sou brasileiro” – ponto. Entretanto, eu só preciso fazer essa afirmação porque existem outros seres humanos que *não* são brasileiros. Em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido. De certa forma, é exatamente isto que ocorre com nossa identidade de “humanos”. É apenas em circunstâncias muito raras e especiais que precisamos afirmar “somos humanos”.

A assertiva “sou brasileiro”, implica uma série de negações, manifestações negativas de identidade, de diferenças. “Por trás da afirmação “sou brasileiro” deve-se ler: “não sou argentino”, “não sou chinês”, “não sou japonês” e assim por diante, numa cadeia, neste caso, quase interminável.” (SILVA, 2008, p. 75). Congenericamente, afirmações acerca da diferença só fazem sentido quando compreendidas em sua relação com as afirmações sobre a identidade, ao passo em que “as afirmações sobre diferença também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades” (*op. cit.*). Posto isso, é possível inferir, sob a regência do autor, que identidade e diferença, pois, não podem ser separados; um depende do outro. Faz-se mister esclarecer que identidade e diferença são forjadas no contexto das relações socioculturais e políticas; criadas através de atos de linguística. Ou seja, identidade e diferença são elementos que só encontram sentido no seio de uma cadeia de diferenciação linguística. São seres da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem. Ora, como pregara Marshall Sahlins, antropólogo americano, é a cultura que nos permite compreender a organização da experiência, do agir humano, por meios simbólicos. As identidades e a diferença encontram-se nesse bojo, sendo sempre mediadas por significantes culturais.

A “cultura” não pode ser abandonada, sob pena de deixarmos de compreender o fenômeno único que ela nomeia e distingue: a organização da experiência e da ação humanas por meios simbólicos. As pessoas, relações e coisas que povoam a existência humana manifestam-se essencialmente como valores e significados — significados que não podem ser determinados a partir de propriedades biológicas ou físicas. (SAHLINS, 1997, p. 41).

Silva trata de ressaltar, não obstante, que a própria linguagem, como sistema de significação, é uma estrutura instável, vacilante. A citação a seguir enseja a compreensão.

Essa indeterminação fatal da linguagem decorre de uma característica fundamental do signo. O signo é um sinal, uma marca, um traço que está no lugar de uma outra coisa, a qual pode ser um objeto concreto (o objeto "gato"), um conceito ligado a um objeto concreto (o conceito de "gato") ou um conceito abstrato ("amor"). O signo não coincide com a coisa ou o conceito. Na linguagem filosófica de Derrida, poderíamos dizer que o signo não é uma presença, ou seja, a coisa ou o conceito não estão presentes no signo. Mas a natureza da linguagem é tal que não podemos deixar de ter a ilusão de ver o signo como uma presença, isto é, de ver no signo a presença do referente (a "coisa") ou do conceito. É a isso que Derrida chama de "metafísica da presença". Essa "ilusão" é necessária para que o signo funcione como tal: afinal, o signo está no lugar de alguma outra coisa. Embora nunca plenamente realizada, a promessa da presença é parte integrante da ideia de signo. Em outras palavras, podemos dizer, com Derrida, que a plena presença (da "coisa", do conceito) no signo é indefinidamente adiada. É também a impossibilidade dessa presença que obriga o signo a depender de um processo de diferenciação, de diferença, como vimos anteriormente. (SILVA, 2008, pp. 78-79).

Dentro de toda sua complexidade, as construções de identidades, são trespassadas igualmente por relações de poder. Silva (2008) nos dá a tônica, apontando que o poder de definição quanto à identidade e de marcação da diferença é inseparável das relações mais amplas de poder. “A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. Podemos dizer que onde existe diferenciação - ou seja, identidade e diferença - aí está presente o poder.” (SILVA, p. 81). O autor continua mais a frente sublinhando que a diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e diferença são produzidas. Entrementes, há uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela estabelecem uma relação estreita.

São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir ("estes pertencem, aqueles não"); demarcar fronteiras ("nós" e "eles"); classificar ("bons e maus"; "puros e impuros"; "desenvolvidos e primitivos"; "racionais e irracionais"); normalizar ("nós somos normais; eles são anormais"). A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer "o que somos" significa também dizer "o que não somos". A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmer a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. (Ibid., pp. 81-82).

Há uma pujante separação entre "nós" e "eles", em se tratando de construções identitárias. Demarcações e separações de fronteiras e busca de distinções que afirmam e reiteram relações de poder. Silva ainda anota que as demarcações “nós” e “eles”, para além da categoria gramatical dos pronomes, evidenciam posições-de-sujeito substancialmente marcadas por relações de poder”.

Trazemos à baila, agora, Manuel Castells, que, a nosso entender, lança mão de uma pertinente e interessante concepção de identidade, a qual nos servirá de subsídio e alicerce teóricos. No que diz respeito a atores sociais, diz esse autor (1999), identidade é o processo de construção de significado baseado em um atributo cultural, ou ainda um conjunto desses atributos culturais inter-relacionados, que prevalecem sobre outras fontes de significado. Com efeito, conforme segue, o autor estabelece uma importante distinção entre ‘identidade’ e ‘papel social’:

Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social. Isso porque é necessário estabelecer a distinção entre a identidade e o que tradicionalmente os sociólogos têm chamado de papéis, e conjuntos de papéis. Papéis (por exemplo, ser trabalhador, mãe, vizinho, militante socialista, jogador de basquete, frequentador de uma determinada igreja e fumante, ao mesmo tempo) são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade. A importância relativa desses papéis no ato de influenciar o comportamento das pessoas depende de negociações e acordos entre os indivíduos e essas instituições e organizações. Identidades, por sua vez, constituem fontes de significados para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação. Embora, conforme argumentarei adiante, as identidades também possam ser formadas a partir de instituições dominantes, somente assumem tal condição quando e se os atores sociais as internalizam, construindo seu significado com base nessa internalização. Na verdade, algumas autodefinições podem também coincidir com papéis sociais, por exemplo, no momento em que ser pai é a mais importante autodefinição do autor. (CASTELLS, 1999, p. 23).

Contudo, adverte Castells (*op. cit.*), identidades são fontes mais relevantes de significado do que papéis, em virtude do processo de autoconstrução e individuação que envolvem. Em linhas gerais, é possível dizer que identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções. O *significado* é definido, para o sociólogo espanhol (1999, p. 23) como “a identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator”. Para ele o significado, para a maioria dos atores na *sociedade em rede*, organiza-se em torno de uma identidade primária, que estrutura as demais e que é autossustentável ao longo do tempo e do espaço. Para Castells (*op. cit.*, p. 24) “a construção identitária vale-se da matéria-prima proveniente da história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso”. Entretanto, esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que passam a

reorganizar seu significado amparados nas tendências sociais e projetos culturais arraigados em sua estrutura social e em sua visão de tempo e espaço.

Castells (1999, p. 25) propõe distinguir entre três formas e origens a construção de identidades. São elas:

- *Identidade legitimadora*: introduzida pelas instituições dominantes visando expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais;
- *Identidade de resistência*: criada por atores sob a lógica da dominação, em condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas, criando trincheiras de resistência e sobrevivência, apresentando como basilares princípios diferentes ou opostos ao *status quo*;
- *Identidade de projeto*: quando os atores sociais, usando qualquer material cultural ao seu alcance, buscam construir uma nova identidade para redefinir sua posição e situação na sociedade e, a partir de tal, transformar as estruturas sociais.

Identidades que se mostram de início como resistência podem, ao cabo, resultar em projetos, ou até mesmo tornarem-se dominantes diante das instituições sociais, transformando-se posteriormente em identidades legitimadoras para instituir sua dominação.

CONCLUSÃO - À GUIA DE APONTAMENTOS DERRADEIROS

A título de proposição, Michel Agier (2001, p. 12), escreve que, mais que nunca, diante da complexidade crescente das realidades locais, apresenta-se como necessário se empreender uma abordagem situacional das culturas e das identidades à feita de um instrumento de compreensão das lógicas observadas diretamente, e igualmente tal como princípio de *vigilância antiexótica da antropologia*, devendo o observador direcionar especial atenção para as interações e situações reais onde há o engajamento dos atores.

Cabe-nos dizer por derradeiro, alicerçado nas elucubrações de Canclini (2006), que as identidades se reestruturam, na senda de um mundo tão “fluidamente interconectado”, em meio a conjuntos interétnicos, transclassistas e transnacionais. As formas diversas em que os membros de cada grupo se apropriam dos híbridos e heterogêneos repertórios e dos bens e mensagens disponíveis nos circuitos transnacionais engendram novas maneiras de segmentação, situando-se em meio à heterogeneidade e compreender a produção das hibridações, que está ligada aos

movimentos demográficos, às diásporas, as viagens, deslocamentos nômades e as fronteiras cruzadas, oportunizando o contato entre diferentes identidades.

É indubitável o fato de o tema “identidade” ser, já há algum tempo, um dos mais debatidos e repassados no que tange às Humanidades, com ênfase para as Ciências da Sociologia e da Antropologia, dadas as grandes montas de estudos nesse sentido. Sendo, ademais, de interesse para toda uma leva de pesquisadores, perpassa grande parte dos estudos no âmbito das Ciências Sociais. Daí, parte de sua relevância e justificativa quanto ao debruçamento sobre o tema, mormente no contexto da modernidade tardia. A despeito dos esforços depreendidos e das pesquisas realizadas, a pauta não teve sua discussão esgotada, pelo contrário, ainda é possível explorá-la através de muitos prismas e perspectivas. Pretendemos esboçar alguns elementos teóricos e estágios concernentes à discussão em pauta, apresentando alguns autores que a exercitam, principalmente levando a cabo os estudos culturais, a Antropologia e a Sociologia. Dado o caráter do trabalho em voga, nosso intuito precípua foi jogar alguma luz sobre a discussão sobre as identidades e a questão da diferença relacionadas às formas simbólicas e de significação estabelecidas no limiar dos contextos sociais e das interações. Obviamente, seria um esforço hercúleo, quiçá inalcançável, abordar todo o itinerário intelectual referente às temáticas aqui trabalhadas, de modo que intentamos um “sobrevoo”, a fim de ofertar uma compreensão introdutória e a percepção de um panorama genérico, assentado nos autores elencados. Tal qual Agier (2001, p. 13), acreditamos que o itinerário que vai da cultura à identidade, e vice-versa, “não é único, nem transparente e tampouco natural. Ele é social, complexo e contextual”.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Distúrbios Identitários em Tempos de Globalização.** *Mana*, v.7, nº2, Rio de Janeiro, p.7-33. 2001.

BAUMAN. Zygmunt. **Globalização: As consequências humanas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. 236 p.

CAMPBELL, Colin. **Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno.** In: BARBOSA, Livia, CAMPBELL, Colin (Orgs.). **Cultura, Consumo e Identidade.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: EDUSP, 2001.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 1999 (A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura - Vol. I)

FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. **Sociabilidade Urbana.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade.** 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas.** 4ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

NUNES, Brasilmar Ferreira. **CONSUMO E IDENTIDADE NO MEIO JUVENIL: considerações a partir de uma área popular do Distrito Federal.** Sociedade e Estado, Brasília, v. 22, n. 3, p. 647-678. set./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v22n3/07.pdf> Acesso em: 02/03/2015.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Os (Des)Caminhos da Identidade.** RBCS, Vol. 15, nº. 42, fevereiro/2000.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

SAHLINS, Marshall. O “Pessimismo Sentimental” e a Experiência Etnográfica: Por Que A Cultura Não É Um “Objeto” Em Via de Extinção (Parte I). **Revista Mana – Estudos de Antropologia Social**, vol 3, nº 1, Abril/1997.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **A Globalização e as Ciências Sociais.** São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Suart Hall, Kathryn Woodward. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 8ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Suart Hall, Kathryn Woodward. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 8ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. (Coleção nova biblioteca de ciências sociais)

SOUZA, Lázaro F. F.; PAIVA, S. R. O. Modernidade, identidade e reflexividade em Anthony Giddens e Zygmunt Bauman: notas introdutórias. **Revista Espaço Acadêmico (UEM)**, v. 15, p. 115-129, 2015

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea.** 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.**
In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 8ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.